

John Powers. "BAND-AID".

1. PROBLEMATIZANDO A IBA

O presente estudo tem por objetivo retratar parte da crítica e da teoria arquitetônica iniciada em meados da década de 60 genericamente chamada de “pós-moderna,” através da análise da intervenção urbana da IBA - *Internationale Bauausstellung*² - ocorrida em Berlim Oeste na década de 80. Neste particular, esta experiência de Berlim, mais do que um episódio de características regionais e específicas desta cidade, será enfocada sob seu caráter internacional, no que diz respeito ao debate e materialização de determinadas teorias do pensamento arquitetônico ocidental deste momento - Estados Unidos e Europa - surgidas em decorrência das críticas ao Movimento Moderno. A análise deste evento será estruturada a partir das relações que podem ser estabelecidas com o questionamento destes anos, caracterizado sobretudo pela reformulação do conceito de **intervenção urbana**. Trata-se de um momento em que a reconsideração da **cidade existente**, seu **traçado urbano** e sua **arquitetura** suplantam a prática recorrente de criação de modelos supostamente universais e independentes de uma realidade anterior.

Em contraste com os demais estudos sobre a IBA, se intenciona aqui traçar uma investigação pormenorizada das formulações que estiveram envolvidas mais diretamente no processo de teorização, organização e encaminhamento deste evento, em relação ao trabalho conduzido pelo setor de construções novas - *Neubau* - sob a coordenação do arquiteto Josef Paul Kleihues, numa tentativa de desvelar um processo de idéias que em grande parte permanece ofuscado pelos resultados materiais habitualmente divulgados. Também neste sentido, se propõe ver em que medida e sob quais circunstâncias tamanho debate pôde se materializar em termos urbanos, em um período notadamente marcado pela fragmentação e multidirecionamento do discurso.

A nossa hipótese de trabalho é que esta Exposição constituiu uma oportunidade de confrontação de variadas correntes do pensamento arquitetônico deste momento, condensando ao longo de uma década uma amostragem representativa de escritos,

² Exposição Internacional de Edificações.

obras e projetos, em que puderam ser consolidados alguns aspectos pontuais da crítica ao Movimento Moderno. Embora o período da arquitetura tratado como “pós-moderno” e a experiência da IBA em particular estejam sujeitos a visões polêmicas quanto a sua relevância, e suscite ataques fervorosos por parte de seus detratores, optamos aqui por adotar uma postura mais bem acadêmica, visando proporcionar uma abordagem distinta para o estudo deste evento, e conseqüentemente, um acesso a mais para seu entendimento.

Ainda que direcionada para a análise de um episódio pontual, a investigação deverá abordar determinados conceitos, que muitas vezes amplos e algo contraditórios, tornam-se necessários para o acercamento do objeto em questão. O primeiro deles é a própria idéia de um Movimento Moderno coeso e unitário, a qual deve ser vista com ressalvas.³ Isto posto, a tentativa de traçar um argumento coerente em relação a um segundo conceito, o de “pós-moderno,” se torna ainda menos factível, dado o terreno impreciso e plural no qual a crítica a que este se propõe está fundamentada. A situação se vê agravada pelo fato do próprio entendimento sobre o “pós-moderno” em arquitetura ter sido reduzido ao senso comum. A banalização de certas fórmulas e o tom impresso por determinadas publicações contribuíram para a rápida invenção de um “estilo” agora amplamente criticado – fenômeno que de certa forma se torna compreensível, afinal de contas, o mesmo sucedeu com a arquitetura e o urbanismo modernos que estes tanto questionaram.

A experiência da IBA de Berlim, e todo o debate de idéias que esta aglutinou em seu devido momento encontram-se ofuscados em grande parte por uma interpretação reducionista do momento, e pelos acontecimentos históricos mais recentes desta cidade. Entretanto, não pode ser deixado de lado que por trás de um posicionamento aparentemente “historicista”, esta Exposição deu margem ao debate de questões e a aplicação de idéias diretamente relacionadas com as críticas mais influentes à arquitetura e ao urbanismo modernos. Mais do que afirmar-se como um modelo hermético e exemplar, a IBA atesta a impossibilidade de criar um modelo único. Muitas das questões fermentadas neste episódio serão retomadas em intervenções posteriores, em cidades como Barcelona, Paris, Gênova, Rio de Janeiro e Rosário, além da própria Berlim reunificada.

³ As considerações a serem feitas sobre o Movimento Moderno neste estudo se limitarão às questões essenciais para o rebatimento deste com a crítica que lhe é feita a partir da década de 60, não se pretendendo aqui enfocá-lo como objeto central da investigação. Entretanto, como em qualquer relação sucessória, a referência ao passado imediato não é apenas uma questão cronológica. Trata-se mais bem de uma complexa relação de causa e efeito e de desavenças geracionais, pelas quais o discurso deste estudo terá que necessariamente ir e vir.

Neste sentido, se propõe rever a IBA por sobre o enfoque simplificador em que esta é normalmente tratada, privilegiando determinadas relações internas de seu encaminhamento e ressaltando os agentes e temas que fundamentaram a condução deste evento. O fato desta Exposição ter envolvido uma década de trabalho nos permite considerá-la mais além de uma experiência fugaz. Ao contrário, podemos enfocá-la quase como um **processo**, no qual estiveram envolvidos grande parte dos profissionais mais destacados do momento, desde sua fase inicial nos artigos do jornal *Berliner Morgenpost*, até a queda do Muro em 1989. Também a reunificação foi um fator decisivo para a consolidação - e para a superação de determinados aspectos - do pensamento subjacente a IBA, ao haver rapidamente desencadeado uma onda de críticas e avaliações de seus procedimentos e resultados – fato que contribui assim para procedermos a uma análise mais distanciada, baseada em acontecimentos já devidamente assimilados.

Mais do que uma abordagem extensiva e minuciosa da IBA, será priorizada uma investigação acerca de temas e autores cujos aportes teóricos propiciaram a realização de um evento destas características. Para tal, devemos ter inicialmente claro que estamos nos movendo dentro de um terreno bastante fragmentado, no qual a variedade do discurso estará refletida nas distintas prioridades estabelecidas pela organização do evento e na diversidade das propostas apresentadas.

Não obstante o fato de que algumas das diretrizes desta Exposição tenham objetivado uma padronização de soluções, a IBA está longe de ser caracterizada como um episódio homogêneo. Ao contrário, julgamos ser possível promover uma análise baseada nas diferenças, na qual poderá ser identificada a influência simultânea de distintas linhas teóricas, posteriormente materializadas, total ou parcialmente, através de obras e projetos. A IBA vista mais além de seus resultados materiais, como um processo difuso, estratificado por vários componentes teóricos, será o enfoque privilegiado neste estudo. Desta forma, o termo “zôo arquitetônico” mencionado por Colin Rowe⁴ ao referir-se a IBA pode ser utilizado não só para a variedade de soluções de projeto, mas também para retratar a mescla de posturas que estiveram envolvidas no condução deste evento.

⁴ ROWE, Colin. IBA, Rowe Reflects. *The Architectural Review*, set., 1984. p.93

A IBA como “modelo” adequado - ou não - é o tema mais recorrente das publicações e artigos a respeito. Porém, não se trata aqui de avaliar - defendendo ou condenando - o episódio da IBA. Ainda que a tese possa dedicar uma parte a emitir algum juízo neste sentido, nosso interesse neste tema é mais bem “didático”, no sentido de dar a conhecer outra versão desta experiência, que se mostra até a presente data insuficientemente revelada. Trata-se então de problematizá-la. Isto quer dizer, a IBA como processo, é o cruzamento de que classe de discursos? E estes discursos, a que valores se remetem? E estes valores, emergem em detrimento do abandono, rechaço ou fusão de que outros valores? E os personagens envolvidos, identificam-se com que corrente de pensamento? Etc. etc. Ou seja, ver a IBA como o terreno de confluência de um certo número de episódios e posicionamentos relevantes no campo da teoria da arquitetura, do qual é possível extrapolar e identificar alguns dos caminhos em que se moveu o debate do momento. Neste sentido, também a versão arquitetônica da crítica ao Movimento Moderno, comumente chamada de “pós-moderna”, e os supostos pontos de crise deste Movimento poderão ter neste estudo uma abordagem menos reducionista, e mais esclarecedora.

Isto posto, resta contagiar-nos pela complexidade do momento estudado e ver os objetivos desta tese sob dois enfoques distintos, porém não contraditórios: tomar a IBA como *objeto* e utilizar-nos do debate que lhe é contemporâneo através de seus principais personagens para iluminá-la; ou tomar a IBA como um *meio*, um episódio capaz de fornecer algumas chaves para o entendimento deste debate. Ambas empreitadas apenas vem confirmar a impossibilidade de proceder a qualquer análise sobre a IBA - como *meio* ou como *fim* - a partir somente de seus resultados visíveis e de uma interpretação que não a contextualize em seu devido enredo histórico.

Propomos então uma estrutura de trabalho dividida em três partes principais: esta primeira, **Problematizando a IBA**, em que inicialmente traçamos uma base argumentativa através da exposição de alguns fatos históricos, dos principais eixos teóricos que singularizaram a crítica ao Movimento Moderno e dos conceitos arrancados desta crítica que estiveram presentes no posicionamento de Josef Paul Kleihues. A segunda parte, **A reconstrução crítica de Josef Paul Kleihues**, é desmembrada através dos autores que estiveram presentes na fundamentação conceitual deste evento, e de outros que apresentaram participações quase pontuais, porém dentro da almejada pluralidade do enfoque de Kleihues. O estudo destes autores será relacionado com as questões levantadas no primeiro capítulo, privilegiando a individualização de cada um frente a questão da intervenção urbana. A terceira parte, **Revisando a IBA**, sem pretender ser conclusiva, está dedicada a costurar as questões lançadas inicialmente, com os autores tratados na segunda

parte, sugerindo a cristalização por parte da IBA de determinados pontos de inflexão destacáveis em relação a tradição do Movimento Moderno. Com isto esperamos poder ter sido fiel à nossa hipótese inicial, de entender a IBA como um problema não pouco complexo, e por sua vez representativo, de um dado momento histórico da arquitetura.

1.1. A IBA OFICIAL

Previamente a análise da IBA em relação à crítica ao Movimento Moderno, procederemos a um esboço sintético do histórico de Berlim no tocante às anteriores exposições de arquitetura, assim como do processo legal e das etapas administrativas relacionadas a sua implementação. Ainda que não sejam estes os pontos em que este estudo irá centrar-se, julgamos necessária a sua inclusão como material de referência para elucidar alguns termos e episódios que são citados no decorrer deste trabalho.

1.1.1. ANTECEDENTES

“Durante os últimos 80 anos aproximadamente, Berlim foi o cenário de um conflito ideológico de particular intensidade e de uma grande produção criativa no campo da arquitetura e da planificação urbana, devido a circunstâncias econômicas e políticas especiais. A tragédia de Berlim foi também, em certo sentido, sua oportunidade.”⁵

O entendimento do protagonismo de Berlim nos temas relacionados a arquitetura e urbanismo deste último século deve-se em grande parte a sua própria evolução histórica nos últimos 150 anos. Neste período, a cidade aumenta vertiginosamente sua população (multiplica 10 vezes em cem anos), se deparando com questões extremas nos temas de habitabilidade e de adaptação da estrutura urbana a sua condição de próspera cidade industrial.⁶ A política urbana levada a cabo em meados do século passado, e suas consequências sociais, constituem um fator chave para o desencadeamento das propostas dos *siedlungen* e para a subsequente difusão do Movimento Moderno. Na segunda metade deste século, será a faceta funcionalista/desenvolvimentista deste mesmo Movimento Moderno (em sua versão institucionalizada), juntamente com a destruição causada pela guerra e com a construção do Muro em 1961, algumas das responsáveis pela desestruturação física e degradação crescente de seu centro e zonas residenciais. Como poderemos ver, a trajetória urbana de Berlim neste século, pontuada em suas principais fases através de exposições de arquitetura, parece nos fornecer algumas pistas para a compreensão da problemática e da carga histórica que envolve esta cidade por ocasião da IBA.

A tradição de Berlim de sediar exposições de arquitetura data já de 1910. Neste ano a cidade volta-se para a organização da “megalópole” na Exposição Geral de

⁵ COLQUHOUN, Alan. On modern and postmodern space (1982). Em: OCKMAN, Joan (Edit). **Architecture, Criticism, Ideology**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1985. p.103. Coletânea dos *papers* apresentados no Simpósio promovido pelo *Institute for Architecture and Urban Studies* em março de 1982.

⁶ Sobre as peculiares condições da evolução urbana de Berlim nos últimos dois séculos ver FABBRÌ, Gianni. Il problema dell'identità urbana di Berlino (ovest). Em: ZIMOLO, Patrizia M.(Curad.) **Berlino Ovest. Tra continuità e rifondazione**. Roma: Officina Edizioni, 1987.

Urbanismo, realizada na Academia Real de Belas Artes e organizada pela associação de arquitetos, cujo objetivo maior era elaborar um planejamento global para a reestruturação da cidade. Ao mesmo tempo que se pretendia estabelecer um plano regulador para o crescimento desordenado verificado a partir de 1870, também se procurava dar uma forma urbana mais digna e representativa à capital da República. As soluções apresentadas versavam basicamente sobre estatísticas populacionais, saneamento, fluxos de tráfego e infra-estrutura urbana, confrontando com as principais discussões a nível internacional sobre as cidades neste início de século.

Sob a coordenação de Werner Hegemann, esta Exposição põe em questão a política de adensamento urbano promovida no século XIX, tema por ele retomado em seu escrito seminal *Das Steinerne Berlin* de 1930.⁷ Neste texto, dentre uma série de argumentações, Hegemann discorre sobre os instrumentos urbanísticos decisórios ao longo história de Berlim imprimindo especial ênfase ao episódio da construção dos *mietkasernen*, episódio este de crucial influência na configuração de Berlim do século passado. Segundo o autor, os *mietkasernen*⁸ seriam o resultado material de uma governo pouco preocupado com a qualidade urbana, responsável pela construção de um tecido urbano extremamente saturado e pelas condições de vida insalubres e miseráveis de seus habitantes. Tal política urbana e seu modelo construtivo seriam então o grande mal a ser eliminado, ou ao menos suplantado, da história de Berlim, constituindo um dos argumentos centrais para a eclosão do Movimento Moderno.⁹

O período que se segue à Primeira Grande Guerra, especialmente de 1924 a 1932, é marcado pela construção maciça de habitações sociais. Este impulso construtivo não teve o formato de uma exposição, porém os modelos arquitetônicos aí propostos marcaram uma novo momento no planejamento das cidades. A noção de quarteirão fechado da cidade tradicional é substituída por um arranjo espacial mais livre dos edifícios, com maior proporção de áreas verdes. Datam destes anos o

⁷ HEGEMANN, Werner. **Das steinerne Berlin: Geschichte der grössen Mietkasernen der Welt** Berlin: Kiepenheuer Verlag, 1930 (versão italiana: **La Berlino di Pietra. Storia della piú grande città di caserne d'affitto**. Milano, 1975).

⁸ Extensos edifícios de apartamentos de aluguel destinados a abrigar a classe operária, construídos contíguos uns aos outros e com estreitos prismas de iluminação.

⁹ Sobre o tema Alan Colquhoun comenta: "Acredito ser esta tipologia (as *siedlungen* da década de 20) uma resposta direta ao *mietkasernen* – construídos para abrigar o crescente proletariado urbano. Quando hoje vemos estes *mietkasernen*, com sua densidade incrivelmente alta, imediatamente entendemos todo o Movimento Moderno". COLQUHOUN, Alan. *On Modern and Postmodern Space*. Op.cit. p.106

Stalinallee



Vistas da Stalinallee em Berlim oriental - Karl Marx-Allee após 1961



Grobsiedlung Britz (1925-27), projetado por Martin Wagner e Bruno Taut e o Siemenstadt Siedlung (1929-31) de Hans Scharoun, Otto Bartning e Paul Rudolf Henning, entre muitos outros exemplos.

Em 1931 a *Deutsche Bauausstellung* dá continuidade às questões habitacionais levantadas nos anos anteriores, através do estudo de aspectos sociais da habitação, de problemas relativos à melhoria da qualidade de vida com o planeamento de espaços verdes mais amplos, e métodos de otimização dos custos das unidades residenciais. A Exposição é dividida em sete temas, entre os quais “A nova construção”, “A vivenda mínima” e “A habitação dos nossos tempos”, esta última organizada por Mies van der Rohe, com a contribuição de Walter Gropius, Otto Hasler e Hugo Haring.¹⁰

Com a vitória do partido nazista, verifica-se um retrocesso na condução dos programas desta natureza, culminando na emigração dos mais representativos arquitetos alemães e pelo desemprego dos arquitetos até então proeminentes que aí permaneceram. Após a Segunda Guerra, Berlim encontrava-se em ruínas. Somente com a criação do plano Marshall em 1947 e com a inauguração de organizações de cooperação econômica, foram criadas condições para a reconstrução da cidade. Em 1948 a cidade é dividida, evidenciando também as diferenças entre as políticas urbanas dos dois lados; Berlim leste com vistas a tornar-se capital da República Democrática da Alemanha estrutura-se segundo o padrão urbanístico e estético do realismo socialista, enquanto que Berlim oeste retoma o discurso do Movimento Moderno interrompido pelo Terceiro Reich.

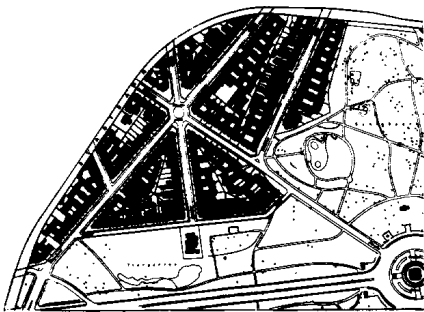
Em 1952 é iniciada a construção da avenida *Stalinallee* (hoje *Karl Marx-Allee*) no lado oriental, caracterizada por suas proporções monumentais, de eixos definidos e hierarquizados, com um conjunto de edifícios de uma arquitetura sóbria e classicista. O lado ocidental, por sua vez, desejoso de espelhar uma sociedade nova, livre e democrática, tratará de destruir as marcas urbanas de seu passado, promovendo o novo planeamento da cidade através de sucessivas demolições. A partir da década de 50 as intervenções urbanas consistiram em amplas

¹⁰ Um histórico detalhado das Exposições de arquitetura e da evolução urbana de Berlim pode ser visto em:
- BAUAUSSTELLUNG BERLIN GmbH (Edit.) **Internationale Bauausstellung Berlin 1984, Dokumente und Projekte. Die Neubaugebiete**. Bd. II: **Erste Projekte**. Berlin: Quadriga, 1981, textos: “Ausstellungen von Architektur. Eine fragmentarische historische Übersicht für Europa und die USA”, de Vittorio M. Lampugnani, e “Zur Stadtentwicklung Berlins” de Helmut Engel e Christine Becker (Comp.);
- KLEIHUES, Josef Paul. Die IBA vor dem Hintergrund der Berliner Architektur- und Stadtplanung des 20. Jahrhunderts, publicado em: LAMPUGNANI, Vittorio M. (Edit.) **Internationale Bauausstellung Berlin 1987, Dokumente und Projekte. Die Neubaugebiete**. Bd. I: **Modelle für eine Stadt**. Berlin: Siedler, 1984;
- VVAA. **750 Years of Berlin**. *The Architectural Review*, abr, 1987;
- LADD, Brian. **The Ghosts of Berlin. Confronting german history in the urban landscape**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

Hansaviertel



Situação da área de intervenção antes da Guerra. Vista e planta.



Interbau 1957. Planta e vista. Como pode ser observado, o fluxo viário antes convergente é substituído por duas vias de tráfego expresso. A implantação dos edifícios não segue a situação anterior de ocupação maciça e perimetral das quadras.



reestruturações viárias, abrindo grandes eixos de circulação, e na reconstrução da cidade a partir do modelo funcionalista inspirado na Carta de Atenas.

O bairro de *Hansaviertel*, projetado por ocasião da Interbau de 1957 é o exemplo que melhor retrata esta época. Programada como uma grande exposição internacional, a Interbau surge como a oportunidade de um reinício de Berlim, visando torná-la novamente na capital do país, através de uma arquitetura identificada com o mundo ocidental. Sob o tema “Vivendo na cidade do amanhã” foram convidados arquitetos de renome - estrangeiros e alemães - para projetar edifícios residenciais em um setor próximo ao Tiergarten, que encontrava-se praticamente destruído pela guerra. O planejamento adotado priorizou a implantação livre dos edifícios dentro de uma ampla área verde, promovendo também a adoção de distintas tipologias.¹¹ Embora o setor de Hansa seja ainda hoje uma zona habitacional privilegiada e de grande apelo imobiliário, o resultado que prevalece é um grande mostruário de edificações isoladas com pouca identificação cultural. Este modelo contudo, ainda inspirará as intervenções urbanas posteriores, como no caso do concurso *Hauptstadt Berlin*.¹²

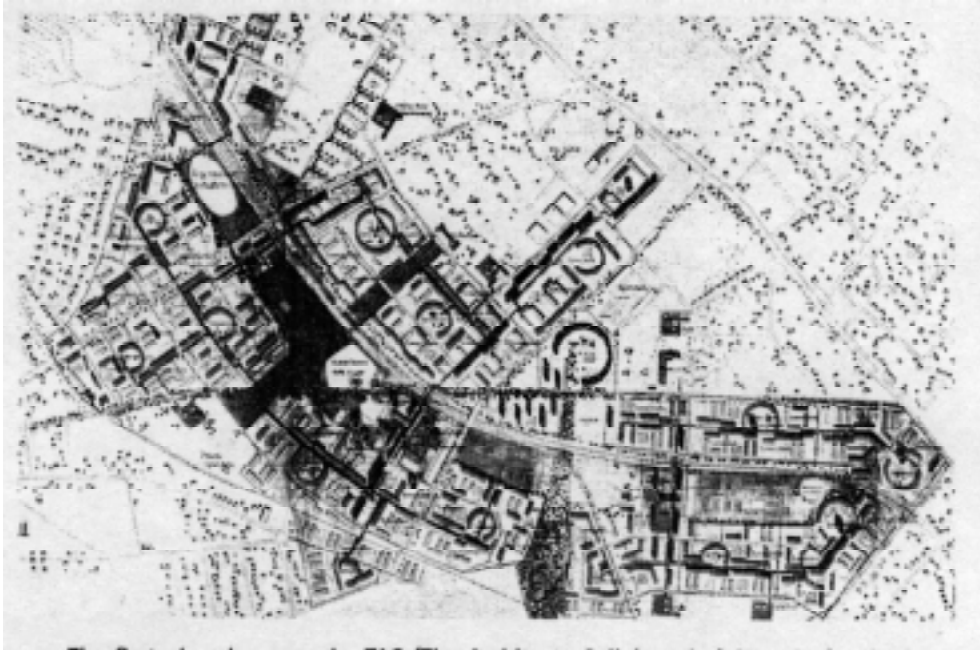
Até meados da década de 60 os planos de reconstrução apresentados priorizavam a infra-estrutura de transportes e a ocupação das áreas urbanas periféricas com a implantação de conjuntos habitacionais de grande densidade, porém não ofereciam medidas concretas para a degradação crescente das antigas áreas centrais da cidade cortadas pelo Muro. As últimas intervenções neste sentido se deram com a construção dos conjuntos *Gropiusstadt* e *Märkisches Viertel*.¹³

¹¹ Iniciada a sua construção em 1953, um ano após o *Stalinallee*, o conjunto de *Hansaviertel* adota um posicionamento claramente antagônico ao exemplo socialista. Implantado numa área de densa urbanização, com ruas e quarteirões bem definidas pelo alinhamento dos prédios, esta Exposição não intenta resgatar o padrão urbano e edilício do local. Ao contrário, promove uma intervenção modelar e a busca de novos arranjos, tanto volumétricos, como nas distintas unidades de um mesmo edifício. Suas quase 1.300 unidades residenciais estão divididas em torres (de 8 a 17 andares), prédios em linha (de 3 a 4 andares) e casas unifamiliares de (1 ou 2 andares). Cfr. STELLA, Franco. La metamorfosi del quartiere nel dopoguerra. Em: ZIMOLO, Patrizia M. Op.cit.

¹² O concurso internacional *Hauptstadt Berlin* – Berlim Capital - convocado em 1958 pela lado ocidental, cuja diretriz era estabelecer um plano para uma futura Berlim reunificada, apresentou soluções neste sentido. Amplos espaços verdes, pouca ou nenhuma conexão com o tecido urbano histórico e com os edifícios existentes, e submissão de todo o projeto a um grande eixo viário previamente planejado. Cfr. LAMPUGNANI, Vittorio Magnago. Un vuoto pieno di progetti. I disegni per il centro, tuttora irrealizzato, della Grande Berlino (1839-1985). Em: ZIMOLO, Patrizia M. Op.cit.

¹³ O conjunto *Märkisches Viertel* (1962-1973) estava previsto para abrigar 60.000 habitantes em um grande e único edifício. Sua demanda principal seria a população que se encontrava desalojada em virtude dos trabalhos de “re-desenvolvimento” - leiam-se amplas demolições. Seu ponto diferenciador foi a variação morfológica. Visando obter uma solução menos monótona que a conhecida edificação em linha - *Zeilenbau* – a construção desenvolvia-se em diferentes arranjos volumétricos, variando também sua altura nos diversos trechos, e contando com a participação de diferentes arquitetos nas suas fases de execução. Estas medidas, porém, não serviram para atenuar a face mais desoladora destes imensos conjuntos construídos sob a égide do urbanismo moderno.

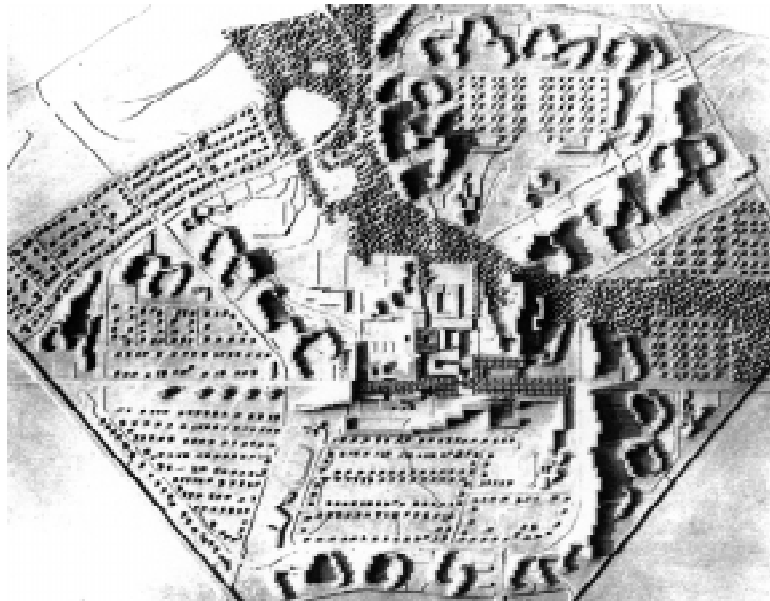
Gropiusstadt



Gropiusstadt. Planta e vista. Projeto apresentado pelo TAC (Walter Gropius / *The Architects Collaborative*) em 1960, construído na área de Britz-Buckow-Rudow, que é dos primeiros a resgatar, ainda que sutilmente, configurações urbanas típicas da cidade européia - a rua e a praça. Estava composto por doze blocos de edificios semi-circulares, além de vários outros lineares de distintos tamanhos e alturas. Neste estavam previstas áreas verdes delimitadas pelos prédios, compondo jardins e play-grounds privados. Os serviços foram localizados no cruzamento das principais artérias viárias. O projeto, porém, foi implementado após várias exigências dos planejadores, que descaracterizaram por completo a idéia inicial.



Märkisches Viertel



Maquete e vista do Märkisches Viertel (1962-1973), projeto de Werner Düttmann, Georg Heinrichs e Hans Christian Müller, o qual envolveu a participação de 22 arquitetos ao longo de suas várias fases de implementação. Destinado a ser uma "nova cidade", este conjunto foi projetado para abrigar 60.000 pessoas, em 17.000 apartamentos. O projeto também previa 12 escolas, 15 creches, 4 igrejas, e um centro cívico.



Entretanto, serão nestes mesmos anos que as críticas a este modelo irão se intensificar. O principal argumento era a falta de hospitalidade destes novos bairros e a crescente perda de identidade que as cidades vinham sofrendo. No centro urbano, as vastas demolições promovidas para dar espaço a novos edifícios eram soluções que encareciam os aluguéis da área, colaborando com a especulação imobiliária e com conseqüente expulsão dos antigos habitantes do local. O momento que se segue irá enfatizar a não eficácia dos planos anteriores. Tinha-se a clareza que Berlim foi menos destruída pela guerra do que pelas intervenções urbanas das últimas décadas.¹⁴

O evento da IBA surge neste contexto histórico, sendo mais um exemplo da tradição alemã, em particular berlinesa, de promover exposições internacionais de arquitetura. Entretanto, o formato adotado nas exposições anteriores - subentendendo-se aqui a busca de um modelo ideal - é questionado pela IBA. Se antes primava-se por promover exposições que sintetizassem um determinado ideal urbano a ser reproduzido, agora tratava-se de particularizar o tratamento dos problemas urbanos segundo distintas solicitações. Se antes almejava-se a criação de uma nova realidade, agora o enfrentamento da realidade urbana – e de seus problemas – seria o objetivo desta nova Exposição.

Sintonizada com um posicionamento crítico já bastante consolidado nestes anos, a IBA surge com o rechaço crescente aos projetos postos em prática nos últimos anos.¹⁵ Em finais da década de 60 os estudantes de arquitetura já clamavam por parar as construções. Se tinha claro que os novos conjuntos habitacionais podiam apenas resolver alguns problemas pontuais de moradia, sem contudo, sanear as construções e bairros existentes. É também nestes anos que emerge uma consciência cidadã pela preservação da paisagem urbana e dos bairros tradicionais, que por sua vez insinua a idéia de particularizar os problemas urbanos segundo suas distintas solicitações.¹⁶ Embora as décadas anteriores tenham sido marcadas por um aumento no número das unidades residenciais, Berlim ocidental

¹⁴ Cfr. LAMPUGNANI, Vittorio M. The “zero” hour: reconstruction’s goals and premisses. *Domus*, jul/ago, 1987.

¹⁵ Aqui nos referimos ao argumento mais recorrente na época no que diz respeito aos resultados da arquitetura e urbanismo modernos. Concentrando seus ataques no modelo de intervenção urbana baseado nos princípios da Carta de Atenas, são inúmeras as publicações que se dedicaram a revelar as mazelas dos planejamentos urbanos realizados no segundo pós-guerra e de grande parte das realizações do Movimento Moderno, consolidando um certo consenso em relação a estes temas. Dentre estes, destaca-se no cenário americano **Death and life of great american cities** (1961) de Jane Jacobs, e no cenário alemão a crítica de Wolf Jobst Siedler em seu livro **Die gemordete Stadt** de 1964.

¹⁶ Sobre o tema ver KLEIHUES, Josef Paul. Die IBA vor dem Hintergrund der Berliner Architektur- und Stadtplanung des 20. Jahrhunderts, publicado em: LAMPUGNANI, Vittorio M. (Edit.) **Internationale Bauausstellung Berlin 1987, Dokumente und Projekte. Die Neubaugebiete**. Bd. I: **Modelle für eine Stadt**. Berlin: Siedler, 1984 (versão inglesa: *Stations in the Architectural History of Berlin in the 20th Century: IBA. A+U Extra Edition*, mai, 1987).

ainda possuía um déficit nesta área, além da degradação do que um dia tinha sido o seu centro, e a fragmentação da cidade como um todo.

A idéia de sediar novamente em Berlim uma exposição internacional de arquitetura surge em princípios da década de 70, através do então Diretor de Construções do Senado, Hans Christian Müller. Em 1974/75, é realizado um concurso municipal cujo resultado pouco foi discutido pelo Conselho de Planejamento, em que a área conhecida como “Quartirão Diplomático”, situada ao sul do Tiergarten, é escolhida para abrigar este novo evento. Nesta época, dita iniciativa teve escassas críticas, dado o caráter quase sigiloso em que vinham sendo feitos os trabalhos. Somente em 1977, com a campanha *Modelle für eine Stadt* publicada no jornal *Berliner Morgenpost*, sob a coordenação de Josef Paul Kleihues e Wolf Jobst Siedler, é que a idéia desta exposição isolada começa a ser questionada. Em uma série de artigos os autores debatiam crítica e abertamente a política urbanística de Berlim e as questões que esta nova exposição deveria enfrentar. Ao contrário de uma exposição isolada nas imediações do Tiergarten, se buscava a realização de um evento integrado em que as áreas degradadas e periféricas ao Muro deveriam ser restauradas através de um plano de ação diferenciado segundo as distintas carências locais.¹⁷ Tal debate culminou, em 1978, na aprovação por parte da Câmara Municipal de Berlim o projeto de utilizar diversas partes da cidade para abrigar uma nova Exposição.

¹⁷ Sobre o tema ver KLEIHUES, Josef Paul. Die Architektur, das wollte ich sagen, bedarf unser aller Pflege. (versão inglesa: Architecture, this was what I wanted to say, needs the care and support of us all). Em: BAUAUSSTELLUNG BERLIN GmbH (Edit.) **Internationale Bauausstellung Berlin 1984, Dokumente und Projekte. Die Neubaugebiete**. Bd. II: **Erste Projekte**. Berlin: Quadriga, 1981. E KLEIHUES, Josef Paul. Die Anfänge der Bauausstellung. Em SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN (Edit.) **Idee, Prozess, Ergebnis: Die Reparatur und Rekonstruktion der Stadt**. Berlin: Frölich & Kaufmann, 1984.

1.1.2. IMPLEMENTAÇÃO

O primeiro passo legal para a implementação da IBA foi instituído pelo Senado de Berlim através de um projeto de lei em junho de 1978. O documento aprovado continha os seis pontos diretores para esta nova Exposição, cujo teor era praticamente o mesmo do texto elaborado anteriormente pelos arquitetos Dietmar Grötzebach e Bernd Jansen, em parceria com o departamento de Construção e Habitação do Senado, em outubro de 1977, e que eram os seguintes:¹⁸

- Partindo da estrutura urbana policêntrica da cidade, deveria criar-se um equilíbrio entre as distintas zonas, de maneira que regiões menos privilegiadas pelas políticas urbanas anteriores pudessem ser regeneradas. Com isto, se objetivava criar novos polos de atração na cidade, já que a área de Kurfürstendamm¹⁹ não comportava mais sozinha o papel de centro urbano.
- O conceito de “cidade na cidade”²⁰ deveria ser explorado, partindo da idéia que as particularidades de cada área deveriam ser valorizadas.
- Passado e futuro deveriam ser conjugados, utilizando a estrutura urbana histórica como base para novas intervenções.
- As relações entre normas sociais e espaços individuais deveria ser redefinida. A cidade como uma constante, a casa como uma variável.
- A cidade deveria ser resgatada como lugar de moradia, requalificando os equipamentos urbanos e edifícios residenciais.
- A discussão entre arquitetos e população deveria ser fomentada, criando uma nova relação de trabalho.

A comissão organizadora da IBA - Bauausstellung Berlin GmbH - é fundada em fevereiro de 1979, atuando como uma sociedade privada em mãos do Governo de Berlim. Nela estavam envolvidas cerca de 50 pessoas, que atuavam em relação direta com o Senado de Obras Públicas e com as administrações regionais. Em termos práticos, era responsável pela preparação conceitual do planejamento

¹⁸ Cfr. Dietmar Grötzebach e Bernd Jansen, em cooperação com Schäfer e Wartenberg, e em concordância com SenBauDir. **Zur Vorbereitung einer Internationalen Bauausstellung in Berlin. Anmerkungen zur stadtentwicklungspolitischen Zielsetzung.** Senado de Berlim, outubro, 1977. (Preparação para uma Exposição Internacional de Construção. Notas para os objetivos de desenvolvimento da cidade) Berlim, 1977. Sobre o tema ver: LAMPUGNANI, Vittorio M. How to put a contradiction in effect. *The Architectural Review*, set, 1984.

¹⁹ Kurfürstendamm é a área de Berlim ocidental para a qual grande parte das atividades terciárias da cidade foi transferida após a divisão. Era nesta região onde se concentravam as principais atividades comerciais e culturais, já que o setor de tradicional vitalidade – Friedrichstadt – encontrava-se em processo de crescente deterioração, em função dos danos causados pela Guerra e por sua localização periférica na cidade dividida.

²⁰ Este conceito foi amplamente discutido na primeira *Sommerakademie* de arquitetura em Berlim, organizada por Oswald Mathias Ungers em colaboração com a Universidade de Cornell, em dezembro de 1977.

global, pelos concursos, simpósios, indicação de especialistas, formação de comissões de pesquisa e pela publicidade. Todas as decisões finais eram tomadas pelo Senado, de maneira que a IBA GmbH, enquanto organização, não possuía poderes, nem verbas para contratar profissionais ou realizar obras. Seus recursos operacionais eram financiados em 75% pelo Governo de Berlim, e 25% pelo Governo Federal, sendo que a partir de 1984 esteve respaldada somente pelo governo berlinense. As obras eram financiadas sem qualquer subsídio especial, através de investidores públicos, semi-públicos ou privados, dependendo da propriedade do imóvel, ou da parcela de terreno. Inicialmente prevista para o ano de 1984, a finalização e inauguração pública da IBA foi adiada para 1987, ano em que Berlim completava 750 anos.

Dada a vulnerabilidade de sua estrutura e sua pouca autonomia decisória, a empresa IBA deparou-se repetidas vezes com dificuldades em desempenhar plenamente suas funções. Ainda que ao longo de seus quase dez anos de existência tenham surgido inúmeros problemas com os clientes, fossem estes investidores particulares ou associações de bairro, o maior entrave para a realização de seus objetivos esteve relacionado às esferas públicas. As restritivas regulamentações edilícias de cada área e a dependência direta das resoluções das administrações locais e dos agentes do departamento de construção do Senado foram seus maiores obstáculos. Somam-se a estes fatores as flutuações de cargos e os câmbios políticos ocorridos ao longo deste período, na própria estrutura administrativa da IBA, e no Governo de Berlim.²¹

A fundamentação conceitual da Exposição foi centrada no tema *Die Innenstadt als Wohnort* –O centro urbano como lugar para viver - e estruturada em planos de ação diferenciados. A idéia de atuar no centro urbano vem a ser a resposta da IBA a vários anos de descaso do Governo municipal ao estado de degradação crescente de determinadas áreas da cidade. Como foi dito, as áreas circundantes ao Muro, principalmente Friedrichstadt sul e Kreuzberg, foram gravemente afetadas não só

²¹ A IBA como organização foi concebida como um projeto do governo social democrata. Para atuar junto aos chefes executivos do Senado foram designados cinco diretores de planejamento com atribuições específicas: Hardt-Walther Hämer na renovação urbana, Josef Paul Kleihues e Oswald Mathias Ungers na parte de novas edificações, Thomas Sieverts na coordenação de planejamento, e Lothar Juckel nas relações públicas. Ungers não aceitou o cargo por seus compromissos junto a Universidade de Cornell, os dois chefes executivos e Sieverts demitiram-se alguns meses depois. Kleihues permaneceu como responsável da área de novas construções, contando com a consultoria científica de Vittorio Magnago Lampugnani (até 1985). Os demais cargos foram novamente ocupados. Em 1981, com a demissão do prefeito de Berlim, houveram novas mudanças na chefia executiva do Senado, assumindo Jürgen Nottmeyer (que permaneceu até 1986) e a saída posterior do responsável pelas relações públicas (Juckel). Em maio de 1982, é eleito um prefeito do partido democrata cristão, e a organização da IBA se depara com novas dificuldades. Além das diferenças políticas, o departamento municipal com que estava relacionado também foi reestruturado, e as mudanças nos cargos

pelas destruições da Guerra, mas também pelos vários planejamentos subsequentes que promoveram demolições, e desestruturação urbana através de novos traçados viários. Neste sentido, a IBA posiciona-se claramente quanto ao seu papel dentro da história urbana de Berlim. “A herança das primeiras fases da industrialização (antigos conjuntos de inquilinato para operários) e os efeitos de crescimento (urbanização extensiva, bairros sem identidade, êxodo dos centros urbanos) constituem os atuais problemas da urbanística internacional. Frente a estes, os conceitos urbanísticos existentes já não oferecem respostas satisfatórias. (...) Novos conceitos e utopias realistas devem responder frente aos problemas centrais da construção da cidade, esclarecer a relação entre centro e periferia, edificação antiga e nova, espaço público e privado. Berlim toma parte deste processo internacional.”²² O esvaziamento do centro urbano constituía uma questão chave que a IBA deveria reverter a partir da criação de melhores condições de vida para as áreas abandonadas. Também as áreas de precária ocupação deveriam oferecer atrativos e condições de regeneração.

Alternando sua atuação em áreas de vazios demográficos, com outras de densa e precária ocupação, a IBA orientou-se através de duas políticas de intervenção, unidas pela idéia de que a **cidade existente**, com todas suas contradições e problemas deveria ser finalmente enfrentada. Dividida em *Neubau* (novas construções) e *Altbau* (renovação de antigas construções), coordenadas respectivamente por Josef Paul Kleihues e Hardt-Waltherr Hämer, a IBA buscava contemplar a idéia inicial de aproveitar as vantagens da estrutura policêntrica da cidade como forma de recuperar áreas historicamente relevantes e de tradicional vitalidade de Berlim. O crescente êxodo populacional que Berlim sofria por estes anos era um fator que por si só já demonstrava que a cidade carecia de mudanças estruturais urgentes, incluindo-se nestas a sua parte física: habitação, lazer, e atrativos urbanos.

A nível geral, a IBA pretendeu atuar como um processo, no qual as discussões preliminares, os meios de divulgação e as próprias obras faziam parte de um objetivo mais amplo, o de transformar Berlim num fórum internacional de debates. Os conceitos, idéias, e projetos aí utilizados seriam o resultado tanto de questões lançadas pela própria organização, como de um intercâmbio entre distintas contribuições estrangeiras. Desta forma, mais que uma exposição, ou mais que um

políticos continuaram ocorrendo. Cfr. BEERHEIM, Wilhelm. IBA Berlin: a balance of seven years of work *Domus*, jul/ago, 1987.

²² SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN. **La Exposición Internacional de Arquitectura Berlín 1984. Memória**. Fev, 1979. Versão castelhana. pgs. 4-5

mostruário de obras de arquitetura, Berlim pretendia criar um modelo²³ de intervenção urbana, em que o próprio processo organizador deveria ser o exemplo a ser exportado.²⁴

Suas constantes teóricas partiam, como foi dito, da cidade existente. A cidade construída vista como a concentração geográfica das mais diferentes funções e formas de vida, atuando como símbolo e reflexo das idéias de cada época. A construção e renovação da cidade são assim consideradas como mecanismos indispensáveis para sua sobrevivência²⁵. Porém, renovar não queria mais dizer destruir, senão que conjugar. Isto subentendia não só as reparações materiais necessárias, como também a relação a ser estabelecida entre a IBA e a população. Buscando instaurar um plano de ação criterioso neste sentido, a IBA GmbH amplia seus seis pontos iniciais através das seguintes metas diretoras:²⁶

- Equalizar o valor da propriedade entre as diferentes áreas da cidade,
- Tornar a cidade capaz de regenerar-se,
- Melhorar a qualidade da vida urbana através da arte e da arquitetura,
- Promover construções baseadas no racionamento de energia e ecologicamente corretas,
- Usar criteriosamente os recursos,
- Promover a participação e direitos do cidadão,
- Promover a descentralização política,
- Criar condições de uso e de reutilização dos edifícios e dos espaços públicos,
- Integrar as áreas de moradia com as de outras atividades,
- Humanizar os padrões de circulação,
- Criar trabalho e moradia para distintos grupos culturais, particularmente estrangeiros,
- Criar trabalho e moradia para os incapacitados,
- Prever novas formas de habitação para novas formas familiares,
- Entender o espaço urbano como espaço de vida urbana.

Já a partir destes pressupostos pode ser esboçada uma crítica às intervenções anteriores e a política edilícia dominante. Partindo da **cidade existente** deveriam ser criadas condições para que esta pudesse tornar-se novamente atrativa aos seus habitantes. Mais que resultados palpáveis ou quantitativos, buscava-se um resgate do sentimento de cidadania e identidade da população com Berlim. “Hoje se trata de lograr muito mais que reparações materiais, ao menos, devem

²³ Neste caso, não confundir “modelo de intervenção urbana” com “intervenção urbana modelar”. O termo não refere-se aqui a um modelo objetivo-físico-estático, e sim a um conjunto flexível de mecanismos de atuação.

²⁴ O processo da IBA foi acompanhado por um amplo trabalho de divulgação e catalogação de suas etapas, através de uma agenda muito diversificada. Congressos, cursos de verão, seminários, conferências especializadas e exposições sobre o tema, foram eventos que começaram desde 1980, paralelamente à realização dos trabalhos.

²⁵ Cfr. SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN. **La Exposición Internacional de Arquitectura Berlín 1984. Memória**. Op.cit.

²⁶ BAUAUSSTELLUNG BERLIN GmbH (Edit.). **First projects in careful urban renewal, International Building Exhibition Berlin 1984**. Berlim, s.d. p.8

esclarecer-se as relações entre causa e efeito.”²⁷ Para tal, a **arquitetura** atuaria como um *meio* para a transformação de uma realidade, e não a transformação propriamente dita. Tal processo estaria centrado na requalificação do **espaço público**, entendido como o espaço vital da cidade. À sua existência anterior quase residual, o espaço público estaria agora destinado a abarcar um somatório de usos relacionados à vida urbana. Os edifícios, desenho urbano e equipamentos deveriam ser pensados de modo que cada trecho da cidade oferecesse uma dinâmica urbana capaz de transformar-se constantemente, e não mais constituíssem um modelo estático e segregado dentro da cidade.

O enfrentamento aos problemas sociais mais proeminentes se vê aqui relacionado a um distinto enfoque no conceito de intervenção urbana. O estatuto do espaço público é revisto a partir da necessidade de redefinir suas atribuições urbanas, e o papel da arquitetura neste processo. A reivindicação da cidade existente e a reconsideração do traçado urbano histórico, aliado ao incentivo à mescla de funções, constituem o eixo estruturador das diferentes áreas de intervenção, e o grande ponto diferenciador em relação à tradição do Movimento Moderno.

²⁷ SENATOR für BAU- und WOHNUNGSWESEN. **La Exposición Internacional de Arquitectura Berlín 1984. Memória.** Op. cit. p.7.

1.2. A IBA COMO CRÍTICA A CIDADE DO URBANISMO MODERNO

“A grande tarefa cultural dos arquitetos, hoje, é a recuperação da cidade, e não importa que a cura da cidade doente seja, como programa, menos brilhante do que a invenção de novas cidades.”²⁸

Falar da IBA implica necessariamente em entender seu posicionamento crítico em relação a história urbana mais recente de Berlim e sua consonância com as questões em pauta no debate arquitetônico do momento. Já através das diretrizes adotadas nesta Exposição fica patente a substituição das fórmulas privilegiadas anteriormente. A intenção de resgatar o traçado urbano histórico, a prioridade pela mescla de funções e a tentativa de maior definição entre esfera pública e a privada são alguns indícios de seus pontos distintivos. O incentivo à participação de arquitetos de diferentes nacionalidades e vertentes teóricas, aliado às poucas restrições de projeto estabelecidas para a reconstrução de distintos trechos da cidade, vem confirmar a impossibilidade de seguir tratando o tema da intervenção urbana a partir de uma visão unificadora.

Sem dúvida que o que estava em questão era a inoperância, ou em última análise, a “crise”²⁹ de um modelo arquitetônico e urbano gerado dentro dos parâmetros ditados pelo Movimento Moderno. Ainda que a versão que aqui esteja sendo criticada seja a degeneração, ou a estilização de um modelo, fica patente a vontade coletiva de uma mudança substancial, e não mais um processo de revisão de determinados pontos mensuráveis. Trata-se agora de um câmbio nos fundamentos teóricos, que servissem de base para um distinto enfoque na problemática urbana. A feição desenvolvimentista/funcionalista³⁰ privilegiada anteriormente já não se mostrava mais satisfatória.

²⁸ ARGAN, Giulio Carlo. *Architettura e Cultura*. Em: **Storia dell'arte come storia della città**. Editori Riuniti, 1984 (versão portuguesa: **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.250).

²⁹ Empregamos a conceituação de Thomas Kuhn em que o termo “crise” é utilizado para descrever um certo “mal-estar”, uma “consciência comum de que algo saiu errado”, um processo de incerteza profissional. Porém, é através desta mesma crise que se desencadeia a busca de distintos procedimentos para a abordagem do antigo problema, culminando no surgimento de novas teorias. Cfr. KUHN, Thomas S. **The structure of scientific revolutions**. The University of Chicago, 1962 (versão portuguesa: **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1965).

³⁰ Nos referimos às soluções arquitetônicas e expressões formais onde a utilidade do objeto arquitetônico e o culto a novos materiais e tecnologias é determinante sobre os demais aspectos. No componente urbanístico caracteriza-se sobretudo pelo mecanismo da *tabula rasa*. A utilização de desenhos geometricamente simples nos planos, e do modelo baseado no *zoning* são os resultados mais evidentes da transposição prática do pensamento funcionalista, cujas premissas científicas se faziam evidentes. Tal conceito é estudado em detalhe por Alberto Perez Gomez que relaciona a funcionalização da teoria da arquitetura e sua transformação em um instrumento de caráter tecnológico, com o período de emergência do racionalismo positivista no pensamento ocidental. Cfr. PEREZ GOMEZ, Alberto. **La genesis y superación del funcionalismo en arquitectura**. México: Limusa, 1980.

Porém, quando falamos em uma suposta “crise” do Movimento Moderno, convém ter claro a que Movimento Moderno nos referimos, e mais especificamente, as diferentes matizes, e os principais pontos a que se dirigiam as críticas. Também é necessário esclarecer que ao falar em crítica a arquitetura moderna podemos nos remeter a momentos distintos e que não necessariamente constituem o núcleo central do que mais tarde foi chamada de crítica “pós-moderna”, frequentemente relacionada ao episódio da IBA. Tampouco o conceito de “crise” do Movimento Moderno se mostra muito preciso, uma vez que este nunca constituiu um corpo unitário de fato, sendo mais pertinente inclusive falar de diferentes crises dentro de um universo multifacetado.³¹ Desta forma, tentaremos aqui elencar os pontos conflituosos deste debate que possam ser relacionados mais diretamente com os temas que trataremos na apreciação da IBA, sem com isto no entanto pretender fechar questão sobre o amplo e inconcluso tema da “pós-modernidade”.

1.2.1. REVISIONISMO e CRÍTICA

Ao mencionarmos as críticas, se faz necessário inicialmente remeter-nos às tentativas de revisão (talvez a palavra crítica seja inadequada neste caso, uma vez estas se manifestam no interior da própria arquitetura moderna) surgidas nos últimos CIAM's. Já a partir de 1947 – Bridgewater - com o posicionamento de Aldo van Eyck contrário a uma arquitetura mecanicista, emergem questões que nos próximos Congressos constituirão pontos centrais de discussão. Necessidades de ordem emocional e de identidade pessoal estarão na base de um novo modo de enfrentar o projeto. No componente urbano tal revisão explicita-se no CIAM de 1951 com a questão da “humanização da cidade”, que reivindicava através do texto seminal *The Heart of the City* um deslocamento de valores da arquitetura do Movimento Moderno em direção a um enfoque humanista, humanista aqui entendido como um giro de ordem subjetiva relacionado ao indivíduo e suas particularidades, sugerindo uma atitude de base fenomenológica em contraposição à objetivação funcionalista privilegiada até então. Tal enfoque, presente nos anos seguintes nas formulações do Team X, traduziria inquietudes de um movimento cultural mais abrangente – o existencialismo – que condensaria na defesa de uma arquitetura organicista a sua crítica à estética e à produção anterior.

Em um outro extremo deve ser citada o componente mais radical, de caráter niilista, na crítica a cidade moderna e ao urbanismo racional empreendida pelos

³¹ Se o Movimento Moderno se mostrava unificado, isto se devia em grande parte a simbiose em que atuavam a crítica e a prática do momento, em que a crítica constituía um instrumento legitimador e até certo ponto panfletário da prática arquitetônica. Sobre o tema ver SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Topografía de la arquitectura contemporánea*. Em: **Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

Situacionistas na década de 60. Também os historiadores e críticos da Escola de Veneza - Manfredo Tafuri, Massimo Cacciari - irão desvelar a face “perversa” da ideologia do Movimento Moderno, cujo discurso emancipador, de índole revolucionária, legitimado através de propostas arquitetônicas/urbanísticas, serviam para encobrir a face mais negativa da própria sociedade capitalista moderna³². As reivindicações dos últimos CIAM’s irão desenvolver-se no interior do próprio Movimento Moderno, e talvez seus fundamentos tenham tido seus últimos ecos na teorização posterior de Christian Norberg-Schulz em *Genius Loci*.³³ A crítica radical dos Situacionistas, dará margem a experiências posteriores de caráter fragmentário, porém não podemos afirmar que estes tenham gerado uma Escola.

O que pode ser observado, entretanto, é que a utilização do termo “pós-moderno” está relacionado a uma mudança mais patente no discurso, revelando uma inflexão no pensamento e no estado de consciência coletivo, que por sua vez relacionava-se a um contexto de câmbio cultural mais abrangente.³⁴ Porém, mais do que afirmar-se como um novo movimento destinado a suplantar o seu antecessor, a chamada “pós-modernidade” denunciava-se a si mesma já pela utilização do prefixo *pós*, onde alguma relação com o período precedente é sugerida. Mais do que basear-se em um conjunto de procedimentos e postulados, verifica-se aqui uma atitude predominantemente “negativa”, evidenciando os falhos e a inoperância de um ou vários aspectos do discurso legitimador da modernidade semeado a partir dos ideais da Ilustração e da fé no progresso. A complexidade do tema mostra-se mais anunciada quando esta suposta descontinuidade com o discurso moderno se vê manifestada em diferentes temas e áreas da cultura e da sociedade. Uma delas é que trata a pós-modernidade como uma era ou um distinto período socio-econômico, e que tem na cidade e no espaço urbano das sociedades capitalistas o seu objeto de estudo; a outra que identifica uma ciência, um saber pós-moderno e

³²Tais questões estão relacionadas com a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt na qual a cultura moderna é auto-questionada em vista dos estragos ocasionados a partir de suas contradições ideológicas. Enquanto que o existencialismo constituiu uma resposta subjetiva e individual à sociedade moderna, a Teoria Crítica constituiu uma resposta objetiva. Neste sentido e sobre a relação entre os teóricos da Escola de Veneza e o pensamento da Escola de Frankfurt ver SOLÀ-MORALES, Ignasi. *De la autonomía a lo intempestivo* (1991). Em: Op.cit.

³³ A contribuição de Norberg-Schulz no debate que se estenderá ao longo da década de 70, e que posteriormente será relacionado em alguns aspectos deste estudo, consiste na reintrodução do conceito de “lugar” – inspirado nas idéias de Martin Heidegger expostas em *Bauen, Wohnen, Denken* de 1951 - e seu caráter distintivo em relação ao conceito de “espaço” tal como este era concebido pelo Movimento Moderno.

³⁴ A nível mais amplo, a chamada pós-modernidade está relacionada com as correntes estruturalista e pós-estruturalista, no que diz respeito a perda de confiança na razão ocidental e no projeto revolucionário da modernidade, e no que tal período implicava a nível de imagem e representação do mundo. São questionados o papel do sujeito na história, as formas discursivas universais e os processos explicativos lineares, em favor da diversidade e da fragmentação do pensamento. Tal deslocamento dará margem a distintas formas discursivas, nas quais a linguagem e a estrutura do próprio discurso são os objetos em questão. A economia capitalista, aliada ao progresso técnico e ao racionalismo cientificista são vistos como agentes destrutores de um projeto marcadamente totalitário.

seus modos de representação como estruturas do conhecimento claramente diferenciadas da prática anterior.

Ainda que marcadamente inserida, e portanto indissociável de um enfoque mais amplo, a questão da arquitetura e das cidades e sua vinculação com o debate pós-moderno será privilegiada neste estudo dentro de seu âmbito disciplinar, já que parecem existir algumas relações insuficientemente desveladas, e outras enormemente generalizadas que sugerem uma reapreciação deste período e uma consequente interpretação da IBA à luz deste momento particular da história e teoria da arquitetura. A existência e a possível classificação de uma arquitetura, um estilo, ou uma linguagem “pós-moderna” constituem aqui uma discussão irrelevante, visto que nosso interesse direciona-se para o conteúdo do debate em si, para os conceitos privilegiados e sua tradução em termo de propostas para a arquitetura e para as cidades.³⁵ A opção por inserir o debate dentro do marco disciplinar da arquitetura não impede porém de traçarmos alguns paralelos com autores, textos e conceitos de outras áreas da ciência e da cultura sempre que estes se mostrem auxiliares para iluminar o tema em questão.

1.2.2. O MOVIMENTO MODERNO QUE SE CRITICA

Embora as citadas críticas e revisões do Movimento Moderno tenham favorecido a criação de um clima de questionamentos e incertezas no cenário arquitetônico, será apenas na década de 60 que se cristalizam teorias do que mais tarde se convencionará chamar pós-modernas, e que nas décadas seguintes terão oportunidade de materializar-se, saindo do âmbito exclusivamente teórico e das pranchetas de desenho.³⁶

A problemática que envolve a arquitetura no chamado período pós-moderno apresenta um caráter distinto em relação às tentativas revisionistas dos últimos CIAM's, e uma lógica até certo ponto externa aos parâmetros da arquitetura moderna, tendo sido em grande parte introduzida através dos trabalhos de Ernesto

³⁵ A insistência em uma linha de trabalho como a de Charles Jencks nos livros *The language of post-modern architecture*, *Late modern architecture and other essays* e nas inúmeras edições monográficas de *Architectural Design* na década de 80 não nos aclararia a problemática de fundo da profusão de todos estes termos, apesar de reconhecermos a contribuição de tais textos em seus devidos momentos de aparição. Estes, contudo, já nos confirmam uma anunciada suspeita, a de que qualquer tentativa classificatória irá inevitavelmente ver-se frustrada, já que as divisões segundo opções linguísticas ou linhas de trabalho verificadas em cada obra irá recair em grupos praticamente individuais. Desta forma, nos interessa aqui concentrar o argumento nas questões que originam e de certa forma transcendem a obra de arquitetura em si, admitindo de antemão que tal empreitada pode, como máximo, apenas iniciar-se a partir de certas “tendências”- no sentido atribuído por Rossi - comuns.

³⁶ Sobre o tema ver Pierluigi Nicolini em relação ao período por ele chamado de *Architettura disegmata*. Lotus, n.63, 1989. Textos: “Nuove inquisizioni sull'architettura – dal pluralismo alla narratività” e “Altre acquisizioni”.

N. Rogers na Itália e Louis I. Kahn nos Estados Unidos. A reformulação da arquitetura através de uma apreciação histórica e fenomenológica constituiu uma valiosa contribuição destes autores, abrindo um caminho sem volta em direção ao pluralismo na disciplina.³⁷ Esta situação é detectada por Simon Marchán Fiz, que inclui o caso da arquitetura dentro de uma condição cultural mais abrangente: “A arquitetura de nosso presente se desdobra segundo múltiplos modos de ser cuja unidade não pode ser restaurada, participa da *episteme* de nosso momento. A homogeneidade, reflexo por outra parte mais visível nas histórias do Movimento Moderno que da sua realidade, se diluiu na heterogeneidade de uma dispersão de opções que praticam a coexistência, sancionam as diferenças e com frequência nos submergem no desconcerto. A atual cultura do mosaico, enquanto conjunto de fragmentos justapostos onde nada é necessariamente universal se não é por convenção, incide poderosamente, como não podia ser menos, na disciplina arquitetônica.”³⁸ A impossibilidade de seguir tratando o discurso arquitetônico a partir de um corpo teórico unitário dará margem ao surgimento de distintas lógicas de projeto, geradas a partir de várias classes de crítica ao Movimento Moderno³⁹.

O Movimento Moderno a que se faz referência compreenderia então um conjunto enumerável de princípios formais, sociais e técnicos identificáveis dentro da produção arquitetônica compreendida entre início e meados do século XX. Seriam estes: “um método de desenho baseado nos princípios do funcionalismo, em um determinismo programático e em um expressionismo técnico e estrutural; uma convicção no potencial da tecnologia e da industrialização; uma preferência estética por formas abstratas relacionadas ao processo industrial, desprovidas de ornamentação ou referência histórica; e uma crença positivista, utópica, em

³⁷ A questão das “pré-existências” ambientais lançada por Rogers e todo o debate que se instaurou em *Casabella-Continuità* sob sua direção, que foi continuado por Rossi e pelos demais membros do *Tendenza*; e Louis Kahn por seu mecanismo de projeto que inverte o enfoque funcionalista em vista da abstração inicial do programa através da forma, além da reintrodução de procedimentos clássicos – simetria, ordem, hierarquia – nos seus projetos. Muitos dos protagonistas do cenário arquitetônico americano deste momento - como Robert Venturi, Denise Scott-Brown, Charles Moore, Peter Eisenman, para citar alguns – irão declarar o seu débito aos ensinamentos de Kahn.

³⁸ MARCHÁN FIZ, Simon. Entre el orden y la diseminación”. *Arquitectura*, n.238, 1982. Pgs.21-22

³⁹ Podemos verificar que o componente arquitetônico – exageros formais à parte – e urbanístico “pós-moderno”, está intimamente relacionado com uma chamada condição pós-moderna mais ampla. Neste sentido, um paralelo mais imediato pode ser feito com o estudo de Jean-François Lyotard *La condition postmoderne*, no que diz respeito à prescrição das “metanarrativas”. Embora o autor não trate neste estudo do tema da arquitetura, e faça referência direta ao Projeto Moderno do Iluminismo, a sua constatação de um câmbio nos agentes condutores da sociedade e a conseqüente existência simultânea de vários “jogos de linguagem” parece nos iluminar a problemática da arquitetura. Como poderemos verificar, mais do que estabelecer uma diretriz única, o pensamento urbano gerado a partir da falência do urbanismo moderno se caracteriza sobretudo pela rejeição a um discurso universalizador, e pela descrença no papel determinista da arquitetura. Mais ainda, a coexistência de diversas posturas e o multidirecionamento do discurso gerado a partir de uma insatisfação comum, é fruto de uma distensão liberadora. A arquitetura e as cidades atuando como reflexo – e não mais como promotores - de um câmbio mais abrangente. Cfr. LYOTARD, Jean-François. **La Condition Postmoderne**. Paris: Minuit, 1979.

soluções universais para o problema da habitação e da moradia urbana.⁴⁰ No componente urbano destacam-se os modelos inspirados na Carta de Atenas, onde a cidade é dividida em zonas monofuncionais através de um novo traçado viário e em esquematismos que ignoravam o tecido existente. Também a desassociação disciplinar entre arquitetura e urbanismo foi um fator que contribuiu para a transformação do conceito de espaço público. Seria a consagração do chamado “modelo progressista” de urbanismo, na definição dada por Françoise Choay.

Contudo, é na crítica ao **funcionalismo arquitetônico**⁴¹ e ao **determinismo histórico**⁴² que recaem os argumentos centrais destes anos, e da IBA em particular. Ainda que generalizar toda a produção da arquitetura moderna sob três ou quatro procedimentos constitua uma injustiça com suas melhores épocas, poucos autores irão poupar ataques neste sentido. Deste modo, será a sua **versão institucionalizada**, aquela mais identificada com o Estilo Internacional e com as

⁴⁰ VVAA. Beyond the Modern Movement. Editorial. *The Harvard Architecture Review*, vol I, 1980. pgs.4-5. Edição monográfica sobre o tema do pós-moderno em arquitetura. Tais princípios, advertem os autores, são retirados a partir da crítica mais consolidada em relação ao tema, que lê o Movimento Moderno sob uma ótica extremamente simplificadora.

⁴¹ São vários os autores que coincidem neste ponto. Dentre estes destacamos: Aldo Rossi em *L'Architettura della Città* (1966), quando discorre sobre o “funcionalismo ingênuo”; Robert Venturi em *Complexity and Contradiction in Architecture* (1966) no rechaço a uma arquitetura baseada apenas nas solicitações do programa; Peter Eisenman em seu texto *Post-functionalism* (1976) questionando a relação aparentemente inequívoca entre funcionalismo e arquitetura moderna; Colin Rowe em *Collage City* (1978) privilegiando o arranjo formal por sobre o funcional; Oriol Bohigas em *Contra una Arquitectura Adjetivada* (1969) desmistificando uma suposta eficácia de um desenho baseado na soma de questões funcionais; e Paolo Portoghesi em *Dopo l'Architettura Moderna* (1981) atestando a existência de um “estatuto funcionalista”.

⁴² O Movimento Moderno ao negar qualquer manifestação explícita de sua herança histórica, encontra-se como um período da arquitetura nascido “in vitro”, dissociado de qualquer antecedente formal ou estilístico, se manifestando mais notadamente no urbanismo através do mecanismo da *tabula rasa*. A concepção racionalista da história, a devoção a um “espírito dos tempos” refletiu-se mais claramente na arquitetura pela sua associação inequívoca ao progresso tecnológico. Também nestes pontos a disciplina da arquitetura mostra-se devedora de um momento cultural mais abrangente, relacionado ao questionamento dos conceitos sustentadores do Projeto Moderno. O conceito de “fim da história” proposto por Gianni Vattimo ilumina esta relação, ao atestar a inoperância de uma concepção de história baseada na superação e no valor do novo. Para o autor, tal enfoque não encontra-se mais disponível, senão que existe um processo em que a experiência atual estaria dissolvida em várias histórias, onde os novos meios de comunicação contribuiriam para o achatamento dos acontecimentos no plano da contemporaneidade e da simultaneidade. Cfr. VATTIMO, Gianni *La fine della modernità*. Torino, 1985.

As noções tradicionais de tempo e espaço são também questionadas por Jean Baudrillard quando discorre sobre o fenômeno da “hiperrealidade”, e por Fredric Jameson quando se refere aos mecanismos de “pastiche” e “esquizofrenia” para constatar o desaparecimento de um sentido inequívoco e linear da história. Sobre o tema ver BAUDRILLARD, Jean. *Cultura e Simulacro* (1978). Barcelona: Kairós, 1993 e JAMESON, Fredric. *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism*. Oxford: New Left Review, 1984. (versão castelhana: *El posmodernismo o la logica cultural del capitalismo avanzado*. Barcelona: Paidós, 1991).

Em arquitetura, Alan Colquhoun relaciona tal questionamento com a filosofia pós-moderna. Com o termo “de-historizar” o autor atesta esta mudança, na qual a ânsia anterior em espelhar um “espírito dos tempos” se vê dissolvida em um discurso fragmentado e até certo ponto contraditório, onde o termo “pós-moderno” é utilizado inclusive para se referir à idéias opostas. Cfr. COLQUHOUN, Alan. *Actitudes críticas posmodernas*. Em: *Modernidad y tradición clásica*. Madrid: Júcar Universidad, 1991.

intervenções urbanas do segundo pós-guerra, a que se faz referência. A arquitetura moderna que supostamente deveria renovar-se constantemente e que contraditoriamente se vê convertida em mais um estilo, e em um conjunto de fórmulas.⁴³ Por este motivo, a utilização neste estudo dos termos “Arquitetura Moderna” ou “Movimento Moderno” estará relacionada basicamente a esta definição claramente reducionista.

1.2.3. A CIDADE REIVINDICADA

Uma vez expostas suas críticas, convém então elucidar a que “cidade” os protagonistas deste debate dirigem suas investigações. Assim como o conceito de cidade no Movimento Moderno estava diretamente relacionado com a emergência de uma sociedade industrial, a passagem para um novo estágio do capitalismo, caracterizado sobretudo pelo advento de novas tecnologias e de novos meios de produção revelará um distinto enfoque nos temas urbanos.⁴⁴ A crise dos modelos tidos como ideais implicará na revisão dos valores antes discriminados, gerando com isto um crescente processo de avaliação e propostas. Desta forma, a cidade a que se faz referência é aquela **cidade real** descrita por Giulio Carlo Argan,⁴⁵ a **cidade existente**, agora convertida em um vasto campo de estudos, tanto de seus aspectos formais e materiais, quanto de sua história e natureza. Análises morfológicas, de sua imagem, a relação entre seus espaços públicos e privados,

⁴³ Sobre o tema ver MONTANER, Josep Maria. **Después del Movimiento Moderno. Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993, quando fala da existência de uma versão domesticada do Movimento Moderno.

⁴⁴ A relação entre as mudanças nos agentes econômicos e seus reflexos na sociedade, no período comumente chamado de pós-moderno, é objeto de inúmeros estudos. Nestes, o tema da arquitetura é também visto como parte indissociável de um câmbio multidisciplinar, constituindo um reflexo físico das transformações ocorridas a nível econômico e social. Em uma análise elucidativa sobre o tema, Fredric Jameson relaciona o advento da pós-modernidade ao momento “tardo-capitalista”. Para o autor, o surgimento de novas características formais na cultura estão associados a emergência de um distinto modo de vida social, gerada a partir de uma nova ordem econômica: uma última fase do capitalismo marcada sobretudo pelo consumismo crescente e pelo componente multinacional. Em seu estudo, Jameson atesta o fim da separação entre a cultura de elite (*high culture*) e a cultura de massas ou popular, sendo este o fator responsável pelo aparecimento de novos gêneros de representação estética e de novas formas discursivas. A pós-modernidade seria então um outro discurso, no qual as noções de tempo e espaço seriam distintamente enfrentadas, situação esta que incluiria inevitavelmente a arquitetura e as cidades. Cfr. JAMESON, Fredric. Op.cit.

Um outro conceito que corre paralelo a estas questões é o de “pós-industrial”, pontuando uma mudança nos agentes produtivos, no caso, a supremacia do setor terciário (serviços) sobre o setor secundário (indústrias). Tal processo é verificado a partir de finais da década de 60 a finais da década de 80, quando a tecnologia mecânica é suplantada pela tecnologia intelectual da informação. O conceito de pós-industrial costuma ser utilizado sem maiores reticências – ao contrário do pós-moderno – já que este relata uma mudança indiscutível nos meios de produção. O estudo deste conceito e de suas implicações em distintos campos é feito por Daniel Bell em seus livros **As contradições culturais do capitalismo** e **O advento da sociedade pós-industrial**.

⁴⁵ Para o autor, a cidade real vem a ser a constatação da vulnerabilidade dos modelos ideais, já que sua forma é resultante de um processo alheio à idealizações prévias. Cfr. ARGAN, Giulio C. *Città ideale e città reale*. Em: Op.cit.

seus monumentos, marcos simbólicos e suas tipologias edilícias são priorizados por sobre diagnósticos técnicos e quantitativos.⁴⁶

Questiona-se a cidade funcionalista moderna, sua arquitetura padronizada, seus planos em larga escala, suas promessas de eficácia e ordem, suas previsões de um desenvolvimento urbano/social ilimitado, sua vocação determinista e suas pretensões universalizadoras. Uma vez fracassadas grande parte destas intenções, nota-se uma fase de “desmistificação” do papel do arquiteto e da própria arquitetura, desencadeando discursos menos ambiciosos. Diferentemente da conotação quase doutrinária do discurso do Movimento Moderno, os argumentos de sustentação destas novas propostas baseavam-se mais que nada em vias negativas – enumerando o não deveria ser mais levado em conta – do que propriamente promovendo a criação de um novo estatuto, propondo estratégias práticas e procedimentos subjetivos de ação mais do que impondo modelos herméticos. Tal procedimento vem confirmar a impossibilidade de tratar este período como um fenômeno claramente delimitável, ao mesmo tempo que nos mostra a necessidade de adentrá-lo justamente a partir de sua proclamada falta de unidade.⁴⁷

Bastante heterogêneas em sua formulações, as inúmeras teorias surgidas a partir dos anos 60 apresentam seu ponto comum na recuperação, ou simples alusão, sob variados aspectos, da cidade existente. A preocupação com os danos causados pelas intervenções anteriores é compartilhada por grande parte dos arquitetos deste momento. Desta maneira, a cidade é revista como fruto incondicional de sua cultura arquitetônica, como construção histórica e artística, como reflexo das

⁴⁶ Dentre os textos seminais destes anos destacamos *L'Architettura della Città* (1966) de Aldo Rossi; *The Image of the City* (1960) de Kevin Lynch; *Il Territorio dell'Architettura* (1966) de Vittorio Gregotti; *Il Significato della Città* de Carlo Aymonino; *La Costruzione logica della Architettura* (1967) de Giorgio Grassi; *Stadtraum* (1975) de Rob Krier; *Complexity and Contradiction in Architecture* (1966) e *Learning from Las Vegas* (1972) de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour; *Collage City* (1978) de Colin Rowe; e *Intentions in Architecture* de Christian Norberg-Schulz.

⁴⁷ Estamos aqui de acordo com Juan M. Otxotorena quando caracteriza a condição pós-moderna a partir de um “ceticismo radical”, ceticismo que o autor verifica em relação à descrença em conceitos como a razão e o progresso, tidos como legitimadores da modernidade. Uma vez detectado, tal ceticismo desencadeia uma explosão de discursos, ou mesmo fragmentos de diferentes discursos que supõem uma proliferação de particularismos, confirmando o diagnóstico de Lyotard. Tal situação verifica-se também na arquitetura, já que dificilmente podemos identificar uma única teoria “pós-moderna” e sim uma gama de discursos variados, unidos apenas pelo “inimigo comum”, ou alguns aspectos deste. Também neste sentido o autor detecta uma inflexão no próprio entendimento do conceito de “teoria” que teria agora uma retomada de seu sentido clássico – como hábito especulativo e espaço de discurso – em contraposição ao tratamento deste como uma “doutrina” ou soma de discursos tal como foi utilizado pelo Movimento Moderno. Cfr. OTXOTORENA, Juan M. *La lógica del “post”. Arquitectura y cultura de la crisis*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1992. A confirmação da ausência de uma única teoria e de um conjunto de manifestações unificadas é já detectada anteriormente por Simón Marchán Fiz no seu texto “Entre el orden y la diseminación” Op.cit.; e pela Harvard Architecture Review no seu editorial “Beyond the Modern Movement”, volume I, 1980.

relações de cada sociedade. Encarada a partir de toda sua complexidade, é esta que fornece os pontos de partida para o trabalho do arquiteto, conferindo ao programa funcional um papel menos determinante.

Porém, uma vez chegado a um certo consenso em relação às premissas para a intervenção urbana, se presenciará uma proliferação de posturas, que dispersas em uma infinidade de “ismos”, apresentarão desde um revivalismo fiel, até alusões simbólicas a cidades que nunca existiram; desde propostas criteriosas, até o pastiche.⁴⁸ A fragmentação e pluralidade do discurso terá seu reflexo direto nas intervenções urbanas subsequentes, tendo sido a IBA a primeira oportunidade concreta de reunir e evidenciar tal situação.⁴⁹ Esta intenção é explicitada por Josef Paul Kleihues: “Como diretor das áreas de novas construções, não somente confrontei-me com uma ampla variedade de concepções, como também fomentei uma maior quantidade de opiniões de expertos e colaboradores. Esta atitude se reflete na variedade dos arquitetos participantes. (...) O que queria provar era que a concepção de pluralidade na totalidade, que caracteriza a imagem histórica das cidades européias, pode ser obtida mesmo quando idéias modernas e contraditórias são respeitadas – não como uma necessidade clássica superficial de harmonia, mas aberta à experimentação e à contradição. Não podemos ignorar nossa cumplicidade com a história. O Modernismo, que é radicalmente comprometido com a simplificação e com a objetivação não pode fornecer um modelo satisfatório para o presente nem para o futuro.”⁵⁰ Dedicado a transformar Berlim mais uma vez no centro do debate internacional, Kleihues tratará de expor através da IBA o resultado de tanta teorização sobre a arquitetura e as cidades. A inserção do objeto arquitetônico e de pequenos trechos urbanos na cidade existente seria a partir de então o seu grande quebra-cabeças.

⁴⁸ A Bienal de Veneza de 1980 é o primeiro fórum de encontro de várias destas tendências, antecipando parte do discurso que prevalecerá durante a década de 80. Muitos de seus protagonistas irão também participar na IBA.

⁴⁹ Nos anos 70, destaca-se o caso de Bolonha como um episódio relevante nos temas da recuperação urbana, porém será apenas no setor da Neubau da IBA que a inserção de obras novas, conjugadas com o tecido urbano histórico, se converterá no objetivo principal dos trabalhos.

⁵⁰ KLEIHUES, Josef Paul. The critical reconstruction of the city. Domus, jul/ago, 1987.